



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## A “BRIGA DE GANGUES” E O DEBATE SOBRE A IMAGEM DA POLÍCIA E DA JUSTIÇA EM TIMON (1988-1992)

Thiago Oliveira da Silva Brito\*

1

Desde meados da década de 1980 até o início da de 1990, os jornais teresinenses fizeram referência a uma longa “onda” de assassinatos, que, segundo os repórteres, foi motivada por uma disputa entre quadrilhas lutando pelo controle do tráfico de drogas na cidade de Timon e toda região circunvizinha. No entanto, este mesmo conflito foi considerado pelos ex-amigos do timonense Zara de modo bem mais circunscrito, e avaliado como parte da vingança movida pelo mesmo contra os assassinos de seu amigo Balta. Neste texto discutirei a construção da narrativa dos jornais acerca deste conflito no qual Zara esteve envolvido e que representou as suas primeiras ações memorizadas entre os seus. O que foi, enfim, esta “briga de gangues”? Quando e por quem esta ideia foi construída? Como esta imagem era utilizada na narrativa dos jornais e por quê? E de que forma as narrativas sobre este conflito repercutiram na cidade de Timon? São estas questões que buscarei responder a partir de agora.

A primeira menção a uma briga entre gangues de traficantes que encontrei apareceu no jornal *O Dia* do dia 15 de agosto de 1987, na matéria da primeira página

---

\* Mestrando em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

que noticiou a morte de Baltazar. Para os redatores do periódico, apesar de aquele ser o primeiro fato relacionado em suas narrativas a uma “briga entre quadrilhas”<sup>1</sup>, aquele assassinato representava a existência de uma “disputa por maior liderança no bairro São Marcos” envolvendo o finado Baltazar e o traficante Maninho.<sup>2</sup> A preocupação dos redatores do periódico em reafirmar a intensidade do conflito pode ser notada no cuidado com que sua interpretação sobre o fato foi divulgada. Na primeira página a expressão “briga entre quadrilhas” ocupou a manchete do dia, logo acima do título da notícia e de três fotos dos suspeitos presos, e, na página policial, com letras brancas em fundo preto, o título “‘Gang’ disputa o poder em Timon” não deixava dúvidas acerca do julgamento do jornal acerca da seriedade do caso.

Em seus títulos, portanto, o periódico já sugeria a existência de grupos criminosos organizados em disputa, e no desenrolar das matérias sobre o caso as notícias indicavam que o foco dos conflitos era uma disputa pessoal entre os dois líderes dos grupos, Balta e Maninho, pois, no dia seguinte, a página policial do *O Dia* informou que

a morte de “Balta” foi provocada por uma velha disputa de poder no bairro São Marcos, em Timon. O traficante Maninho, que tem várias entradas em Teresina e estava em liberdade condicional é dono de várias propriedades no bairro, tendo dado inclusive casas para moradores, a fim de conquistar liderança. “Balta” por sua vez era conhecido pelas suas ações audaciosas na prática de roubos e também por tráfico de drogas. Os grupos de “Balta” e “Maninho” há tempos são rivais.<sup>3</sup>

O tema da briga entre quadrilhas em Timon, no entanto, não era novo, pois desde março de 1985 que o *O Estado* noticiava assassinatos realizados na cidade considerados resultados de uma “briga de quadrilhas”, só que não de traficantes, mas de puxadores de carros, crime frequente em Timon e sobretudo em Teresina por volta de 1985.<sup>4</sup> Os casos julgados dentro deste contexto geralmente eram citados como “queimas

---

<sup>1</sup> BANDIDO morto quando dormia. *O Dia*. Teresina. 15 ago. 1987. Ano XXXVI. Nº 8488. p. 1.

<sup>2</sup> LÍDER de grupo assassinado em sua casa com 19 facadas. *O Dia*. Teresina. 15 ago. 1987. Ano XXXVI. Nº 8488. p. 12.

<sup>3</sup> MULHER comandou o crime contra assaltante. *O Dia*. Teresina. 16/17 ago. 1987. Ano XXXVI. Nº 8489. p. 12.

<sup>4</sup> CADÁVER encontrado na estrada de Caxias. *O Estado*. Teresina. 14 mar. 1985. Ano XV. Nº 3564. p. 1.

de arquivo” promovidas entre os criminosos para garantir o sigilo acerca de seus atos e, utilizando o mesmo raciocínio para um caso relacionado a outros interesses, também foi assim que o assassinato de Balta foi interpretado em suas páginas.<sup>5</sup>

Aparentemente, portanto, entre os cronistas locais, já havia um consenso acerca da atuação de quadrilhas de criminosos em Timon. No entanto, se para na narrativa do *O Dia* o assassinato de Baltazar já era utilizado para criar um tom alarmista acerca do avanço da violência na cidade, nas páginas do *O Estado* a frieza da notícia indica que entre seus redatores o tema da violência em Timon já era encarado de forma corriqueira e naturalizada. Por outro lado, os dois jornais assumiram a posição de apoio e valorização à ação da polícia, seja discretamente citando o interesse dos agentes da lei em “prender todos os integrantes da gang” responsabilizada pelo crime, como fez o *O Estado*<sup>6</sup>, seja descrevendo detalhadamente a ação policial e, de forma sutil, destacando a determinação e inteligência do delegado Nicolau Waquim, como fez o *O Dia*.<sup>7</sup>

Até aquele momento, portanto, o consenso acerca da intensidade da disputa entre quadrilhas de traficantes ainda não existia, e a posição das redações acerca da ação da polícia era de visível apoio. No entanto, ao que tudo indica, já existia uma interpretação comum acerca da violência urbana em Timon que julgava os atos criminosos como acontecimentos corriqueiros no município e que colocavam sobre um frágil alicerce a imagem de tranquilidade local e da eficiência da polícia e que se mostraria ainda mais volátil quando outras mortes relacionadas ao tráfico de droga voltassem a ocorrer.

Sete meses após a morte de Balta, o assassinato do “servente identificado como ‘Nego Enchada’”, considerado pelos contemporâneos de Zara como o início da sua cruzada vingadora contra os membros da gang de Maninho, foi utilizado pelo *O Dia* para reafirmar a seriedade do conflito entre os traficantes, agora já considerada uma verdadeira “guerra da droga de Timon”. Àquela altura, a relação de seus jornalistas com a polícia era outra e naquele momento o crime não foi utilizado para enaltecer e sim

---

<sup>5</sup> TRAFICANTE é assassinado com 12 facadas em Timon. *O Estado*. Teresina. 15 ago. 1987. Ano XVI. Nº 4387. p. 12.

<sup>6</sup> Op. Cit.

<sup>7</sup> LÍDER de grupo assassinado em sua casa com 19 facadas. *O Dia*. Teresina. 15 ago. 1987. Ano XXXVI. Nº 8488. p. 12.

para criticar duramente a polícia local: “Como sempre, a Polícia de Timon, não sabe quem, por que e onde está o criminoso”.<sup>8</sup>

O assassinato de Luis de Sousa Costa, o “Cida”, e Guilherme José Oliveira Neto, ocorridos em 10 de março de 1988, apenas quatro dias após a morte de “Negro Enxada”, levaria o *O Estado* a reconhecer a “briga entre traficantes”, motivada pela “disputa pelo comando do tráfico de tóxico, especialmente maconha, em Timon – Maranhão, entre quadrilhas organizadas”. No entanto, se os redatores do jornal passavam a compartilhar da interpretação veiculada inicialmente pelo *O Dia*, ainda permaneciam em seu apoio à polícia, reafirmando a diligência de seus representantes quando citava que, tão logo foi informado do caso, o delegado “imediatamente providenciou a remoção dos corpos para a delegacia e a realização dos exames necessários a liberação e, conseqüentemente, os sepultamentos” [*grifo meu*].<sup>9</sup>

Nas páginas do *O Dia*, aqueles assassinatos foram utilizados como um marco inquestionável do acirramento do conflito e ocuparam a manchete do dia, cujo título não deixou dúvidas acerca do julgamento de seus redatores sobre o tema e da relevância que buscavam conferir à violência da cidade vizinha: “A briga entre traficantes. Assassinadas mais duas pessoas”<sup>10</sup>. Na página policial, a força das palavras utilizadas na narrativa do caso constituíram a base sobre a qual os redatores do jornal compuseram um cenário de insegurança generalizada que acreditavam vigorar em Timon.<sup>11</sup>

No ano de 1988, além das mortes de Negro Enxada, Cida e Guilherme, ocorreram muitos outros assassinatos que passaram a ser frequentemente interpretados pela imprensa local, refletindo o julgamento da polícia, como parte de uma “onda de crimes” motivada pela disputa entre quadrilhas pelo comando do tráfico de drogas na cidade e, a cada nova ocorrência, o tom de crítica à polícia local e a reafirmação de uma insegurança generalizada em Timon passou a ser cada vez mais enfático. O assassinato de Maria Lúcia, esposa de Maninho, em setembro daquele ano, foi noticiado tanto no *O*

<sup>8</sup> SERVENTE é morto em frente ao Fórum. *O Dia*. Teresina. 6/7 mar. 1988. Ano XXXVII. Nº 8651. p. 12.

<sup>9</sup> BRIGA entre traficantes em Timon deixa 2 mortos. *O Estado*. Teresina. 11 mar. 1988. Ano XVII. Nº 4554. p. 12.

<sup>10</sup> ASSASSINADAS mais duas pessoas. *O Dia*. Teresina. 11 mar. 1988. Ano XXXVII. Nº 8655. p. 1.

<sup>11</sup> QUADRILHA mata duas pessoas. *O Dia*. Teresina. 11 mar. 1988. Ano XXXVII. Nº 8655. p. 12.

*Dia* quanto no *O Estado* e no *Diário do Povo* e nas páginas deste último o fato serviu de pretexto para uma vigorosa crítica ao panorama de violência vigente em Timon.

Logo na primeira página, bem abaixo da chamada da matéria policial (acompanhada da foto da vítima), o jornal iniciou a composição do cenário local. Com o título “A morte e o medo reinam em Timon”, a narrativa do cronista denunciava uma insegurança generalizada, a precariedade da polícia local e a responsabilidade dos teresinenses naquele caso:

As cenas de violência mostradas na televisão nas grandes cidades do Sul do País impressionam o telespectador do Nordeste, mas não chegam a preocupá-lo por se tratar de fatos geograficamente distantes da região. No entanto, alguns problemas começam a preocupar os teresinenses e ainda mais o timonense, que já não sai de casa à noite devido ao alto índice de criminalidade que atinge as duas cidades. Timon é onde a situação é mais preocupante, porque uma média de três pessoas têm sido assassinadas por semana na cidade, que tem 80 policiais e 150 mil habitantes. O último assassinato foi o de Maria Lúcia Ferreira, 36 anos, morta com quatro tiros e várias facadas quando saía de uma festa. Como ela, outras nove pessoas foram mortas em circunstâncias parecidas, dentro de uma guerra pelo controle de pontos de venda de maconha, que é vendida para consumidores de Teresina, principalmente.<sup>12</sup>

Além da equiparação da violência vigente em Timon aos padrões das grandes capitais brasileiras, que passavam por um sério problema com tráfico de drogas na época, a nota ainda vinha acompanhada de uma fotografia retratando as proximidades da rodoviária da cidade, onde a figura das vacas comendo lixo nas ruas ajudava a compor uma imagem de atraso que completava o cenário de insegurança, uma associação muito comum na história da cidade.

O tema foi tratado com tamanha relevância pelo periódico que foi escolhido pela redação para ocupar seu editorial, onde os jornalistas não pouparam esforços para criticar o que já consideravam uma “Violência sem limites”, no seu longo editorial o *Diário* pintou com cores vivas e tom alarmista o panorama da violência urbana na cidade e, em sua construção, utilizou alguns elementos que iriam compor o debate sobre o tema durante toda a década: a estreita relação entre Timon e Teresina, a arbitrariedade e incompetência da polícia maranhense, a ameaça que a crescente onda de violência

---

<sup>12</sup> A MORTE e o medo reinam em Timon. *Diário do Povo*. Teresina. 04/05 set. 1988. Ano I. nº 275. p. 1.

representava à imagem do governo do Estado e a necessidade de uma ação conjunta entre o governo do Piauí e Maranhão para superar o problema.<sup>13</sup> Entre tais aspectos, cabe destacar o fato de os redatores do jornal não eximirem Teresina de suas responsabilidades para com a criminalidade vigente em Timon e o tom de relativa igualdade entre as duas cidades que sugere, uma posição pouco comum entre os periódicos pesquisados em toda a década de 1980.

O julgamento dos redatores do *Diário* acerca da cidade de Timon, àquela época comumente qualificada como uma “cidade sem lei” e “cidade-dormitório” aparentemente era um consenso entre a imprensa local, visto o uso constante destes termos também no *O Dia* e no *O Estado* e a “briga de gangues” ocupou um papel de destaque na construção e consolidação desta imagem. Mesmo entre os defensores da polícia, como os jornalistas do *O Estado*, a recorrência dos assassinatos e a dificuldade da corporação em identificar e prender os acusados levaram a uma paulatina mudança de posição e, cada vez mais, era o clima de “pânico” que diziam vigorar entre a população que era reafirmado.

A posição do *O Estado* é um exemplo marcante desta mudança de comportamento. Enquanto a sequência de assassinatos estava apenas começando, sobretudo nos últimos meses de 1988, suas narrativas geralmente apresentavam uma visão positiva da ação da polícia. Uma notícia publicada em outubro de 1988, por outro lado, demonstra como o prolongamento dos casos e as críticas que sua divulgação suscitavam começaram a dificultar a relação entre os membros da imprensa e da polícia. Num tom ainda respeitoso mas que cada vez mais pendia para a censura, na matéria “Criminalidade aumenta em Timon e delegado não trabalha aos domingos”, os repórteres denunciaram que

na manhã de ontem mais uma pessoa foi morta em Timon e o cabo de plantão na delegacia, por volta das 16h15min não sabia informar à imprensa os nomes da vítima e acusado, muito embora, o criminoso estivesse na delegacia.

O major Rovélio que assumiu a delegacia de Timon com o propósito de reduzir os índices de violência ainda não conseguiu por em prática o seu sistema de trabalho apesar do período que ali está trabalhando.

Os policiais ali lotados sempre dificultam o trabalho da imprensa que os procura para saber informações sobre a criminalidade,

<sup>13</sup> VIOLÊNCIA sem limites. *Diário do Povo*. Teresina. 04/05 set. 1988. Ano I. n° 275. p. 2.

principalmente, quando se tem conhecimento de que pessoas estão sendo assassinadas e os autores continuam em liberdade.<sup>14</sup>

Apesar da acusação implícita de irresponsabilidade atribuída ao delegado no título da matéria, em seu conteúdo as acusações eram sensivelmente desviadas do mesmo para seus subordinados, mas, mesmo assim, ficou o registro de que os ânimos entre imprensa e polícia não eram mais os mesmos.

A julgar pela menor quantidade de notícias de mortes associadas ao conflito, nos primeiros meses de 1989 houve uma trégua no conflito e a polícia aparentemente aproveitou a deixa para reafirmar a própria eficiência e dar o conflito por encerrado, no que foi auxiliada, ainda que moderadamente, pelos redatores do jornal. Em abril daquele ano, o *O Estado* publicou uma pequena nota onde comentava: “O delegado de Timon, major Rovélio, está satisfeito com a redução do índice de criminalidade naquela cidade. Segundo ele, Timon está mais calma do que Teresina”,<sup>15</sup> mas, logo no mês seguinte o mesmo periódico denunciou, sob o título “Traficantes são assassinados e delegado esconde-se da imprensa, que

na tarde de ontem três pessoas foram assassinadas e várias outras saíram feridas, no entanto, o delegado daquele município, Major Rovélio, trancou todos os dados em sua gaveta e se recusou a falar com a imprensa sobre o assunto.<sup>16</sup>

Em agosto do mesmo ano, a cena voltaria a se repetir. No jornal do dia 13 daquele mês, os repórteres do *O Estado* comunicaram:

Depois de aproximadamente dois anos como delegado de Timon – Maranhão, o coronel PM, Rovélio afirmou ontem que conseguiu com o apoio da comunidade e com a ação dos seus subordinados acabar com o banditismo naquela cidade no que diz respeito ao tráfico de tóxico que era disputado pelos membros das quadrilhas comandadas pelos traficantes conhecidos por “Zara”, “Zé Pretinho” e “Maninho”. Segundo Rovélio, nos últimos dois anos cerca de vinte bandidos foram assassinados durante as disputas pelo comando da venda de maconha, outros foram presos e autuados em flagrante, enquanto

---

<sup>14</sup> CRIMINALIDADE aumenta em Timon e delegado não trabalha aos domingos. *O Estado*. Teresina. 10 out. 1988. Ano XVIII. Nº 4753. p. 10.

<sup>15</sup> ROVÉLIO diz que acabou com violência. *O Estado*. Teresina. 13/14 ago. 1989. Ano XIX. Nº 1031. p. 12.

<sup>16</sup> TRAFICANTES são assassinados e delegado esconde-se da imprensa. *O Estado*. Teresina. 06 maio 1989. Ano XIX. Nº 4940. p. 12.

aqueles que estão em liberdade resolveram ir embora da cidade e até mudar de profissão.

Por outro lado, o delegado concorda que Timon é uma das cidades principais na rota do tráfico de maconha procedente de Pernambuco que é comercializada no Goiás e Pará, acrescentando que uma das soluções seria a realização de blitz constantemente na BR-316, principalmente em veículos e ônibus interestaduais com a ajuda da Polícia Federal.<sup>17</sup>

A preocupação do delegado em enumerar suas ações e afirmar o controle da criminalidade demonstra que a repercussão do conflito já chegava a afetar a imagem da polícia, que, diante da dificuldade em solucionar os casos e prender os criminosos, passava a ser o principal alvo das críticas dos repórteres e também da população local, hipótese que fica ainda mais consolidada quando reconhecemos que, ainda em maio daquele ano, o *O Dia* já havia denunciado a insatisfação dos timonenses com seu delegado.<sup>18</sup>

Com seu posicionamento bem mais agressivo, as narrativas do *O Dia* revelam como o conflito entre as gangues já ocupavam um papel cada vez mais central nas discussões sobre a violência e a imagem da cidade de Timon, tanto por ser o principal assunto de interesse de seu delegado quanto por levar ao envolvimento de outros setores da administração pública nos debates sobre a segurança, no caso o legislativo municipal.

A polícia, no entanto, apesar de ser o principal não foi o único alvo das críticas, e logo o judiciário local passou a também ser questionado em sua competência. Em janeiro daquele ano, o *O Dia* já havia denunciado que há mais de 12 anos não se realizava uma sessão do júri em Timon e com uma ironia impiedosa afirmou que

há mais de um mês está faltando juiz e o delegado Rovélio é acusado constantemente de se envolver com irregularidades, mas, para ele, 'o que está sendo feito é um trabalho perfeito'. Entretanto a maioria da população daquela cidade não pensa assim.<sup>19</sup>

<sup>17</sup> ROVÉLIO diz que acabou com violência. *O Estado*. Teresina, p. 12, 13/14 ago. 1989.

<sup>18</sup> POPULAÇÃO já não quer mais delegado Rovélio. *O Dia*. Teresina. 21/22 maio 1989. Ano XXXVIII. Nº 9026. p. 8.

<sup>19</sup> TIMON sem júri há mais de 12 anos. *O Dia*. Teresina. 25 jan. 1989. Ano XXXVIII. Nº 8932. p. 8.



A ausência de sessões de júri e, portanto, o não julgamento dos responsáveis pelos assassinatos, logo também foi comentado pelo *Diário do Povo*<sup>20</sup> e pelo *O Estado*<sup>21</sup>, que, em junho e setembro de 1989, respectivamente, comentaram os mais de dez anos que a Justiça local passou sem realizar um julgamento sequer.

O assassinato de James Willame Ferreira da Silva, ocorrido na madrugada do mesmo dia em que Rovélio comunicou a pacificação da cidade, serviu para reacender estas críticas e demonstrou a continuidade do conflito que, intercalando períodos de trégua e de acirramento, se estendeu até o início da década de 1990. Aquela infeliz coincidência não foi ignorada pelos redatores do *O Estado*, e o caso ocupou a manchete do referido jornal do dia 15, onde, já na primeira página, o redator afirmava que,

Vinte e quatro pessoas foram mortas na disputa pelo controle da distribuição de cocaína e maconha em Timon, nos últimos meses. A última vítima foi o viciado e traficante James William Ferreira da Silva, 18 anos, que residia à rua 3, número 211, no bairro São Marcos, naquela cidade. Ele foi assassinado na madrugada de ontem com 15 facadas e teve um dos braços decepado. Há quase um ano, a população de Timon vive um clima de terror e medo, sem que a polícia local possa dar um basta na disputa dos quadrilheiros. Homens e mulheres são assassinados a cada mês, transformando a cidade em campo de batalha de traficantes e viciados. Procurado pela reportagem de O ESTADO, o delegado de Timon, coronel Francisco Rovélio Nunes Pereira, afirmou que há dois anos vive naquela cidade e que tinha conseguido dominar o tráfico de drogas e hoje a cidade pode ser considerada pacata, no entanto os bandidos executaram mais um.<sup>22</sup>

9

No final da semana, cada vez mais próximo do tom acusador e de descrédito de seus colegas, o jornal publicou uma nota curta, mas bastante ácida, na qual dizia: “Gratifica-se quem informar quem vai ganhar a briga entre as quadrilhas de Timon. A hipótese da polícia já está descartada”.<sup>23</sup> Por sua vez, no dia 24 do mesmo mês, junto à divulgação de outro assassinato, o jornal *O Dia*, afirmou que

A Polícia de Timon está como barata tonta, pois quando começa a investigar um caso no dia seguinte aparece outro bandido morto e o

<sup>20</sup> JÚRI não atua há 10 anos em Timon. *Diário do Povo*. Teresina. 11/12 jun. 1989. Ano II. Nº 497. p. 1.

<sup>21</sup> TIMON está há 18 anos sem julgamento popular. *O Estado*. Teresina. 13 set. 1989. Ano XIX. Nº 1954. p. 12.

<sup>22</sup> QUADRILHA disputa espaço em Timon e já matou 24 pessoas. *O Estado*. Teresina, p. 1, 15 ago. 1989.

<sup>23</sup> QUADRILHAS. *O Estado*. Teresina, 27/28 ago. 1989. Coluna Semana Policial, p. 12.

acusado passa a ser vítima também. Esta matança se arrasta há muitos anos e mais de 20 bandidos já morreram na guerra da droga na cidade de Timon, Maranhão, a terra sem lei.

A guerra envolve as quadrilhas dos traficantes Maninho e Zé Pretinho e a disputa de mercado para as drogas é o principal motivo que leva as duas quadrilhas a eliminarem os seus membros. Os crimes são todos praticados com requintes de perversidade e são executados na calada da noite. Muitas cabeças estão na lista negra dos envolvidos no mundo das drogas na cidade de Timon e, como o mal se destrói por si próprio, a polícia não precisa se preocupar.<sup>24</sup>

Como demonstra a citação acima, a afirmação de que as vítimas do conflito estavam circunscritas aos bandidos envolvidos com o tráfico de drogas passou a ser um argumento utilizado pela polícia para relativizar a insegurança e o medo que, segundo os jornais da época, afetavam toda a população. Esse mesmo argumento, no entanto, era utilizado pelo mesmo *O Dia* para criticar o que era considerada uma “passividade” da polícia frente aos crimes, pois, uma semana após a morte de James William, o jornalista do *O Dia* fez um comentário onde deixava clara essa posição ao afirmar que “A polícia nada sabe nem está interessada em saber quem são os autores.”<sup>25</sup>

Provavelmente agrupando num mesmo evento ocorrências relacionadas a conflitos entre sujeitos diferentes, desde 1988 até 1991, a população de Timon e Teresina conviveria com notícias de assassinatos considerados resultado de uma mesma briga de gangues, o que, apesar dos períodos de trégua, contribuía para fundamentar a ideia de uma onda de violência interminável na cidade. Após tantas expectativas frustradas de pacificação, os jornalistas passaram a ver cada vez com maior suspeita as afirmativas de superação do conflito. Em maio de 1990, por exemplo, num tom diferente da confiança antes depositada na polícia, o *O Estado* comentou numa pequena nota:

A onda de violência em Timon acabou, pois até mesmo a briga pelo controle da venda de maconha por integrantes de três quadrilhas, não existiram mais. Uma das duas estão acontecendo: ou o delegado Rovélio conseguiu dominar os bandidos ou os crimes não estão sendo divulgado.<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> ASSASSINADO mais um na guerra de traficantes. *O Dia*. Teresina, p. 8, 24 ago. 1989.

<sup>25</sup> MAIS um traficante é morto a faca em Timon. *O Dia*. Teresina, p. 8, 23 ago. 1989.

<sup>26</sup> TIMON. *O Estado*. Teresina. 20/21 maio 1990. Ano XX. Nº 5252. P. 4-B.

Historicamente, o papel da imprensa na sociedade não tem se restringido a simplesmente comunicar os fatos do cotidiano. Dentro de cada conjuntura específica, seus membros: proprietários, chefes de redação, repórteres, fotógrafos, atuam de forma a transmitir suas opiniões e ideologias sobre o mundo concomitantemente à cotidiana tarefa de informar sobre os casos do dia-a-dia. Nesse sentido, a seleção da pauta, a escolha das palavras e imagens utilizadas na narrativa, a definição dos temas recorrentes fazem sentido dentro de um posicionamento político mais amplo que se estabelece no relacionamento entre os interesses e crenças dos produtores da notícia e as demandas do mercado influenciadas pelas concepções políticas, morais e culturais de seus leitores.

Neste sentido, o tom alarmista e inquisitorial que os jornais *O Dia*, *O Estado* e *Diário do Povo* adotaram ao narrar os assassinatos relacionados ao que definiram como uma briga de gangues, apesar de ser em grande parte responsabilidade de seus redatores, provavelmente encontrava respaldo e refletia as opiniões de pelo menos parte de seus contemporâneos. Pelas entrevistas com os contemporâneos de Zara, sabemos que a imprensa escrita era acessível a poucas pessoas da cidade na época, portanto, muito provavelmente, era entre os setores mais abastados e esclarecidos da sociedade timonense e teresinense que os jornalistas encontravam espaço para difusão e discussão de suas ideias.

Entre tais pessoas, que se viam ou se queriam mais distantes dos criminosos reprováveis citados nas matérias, seria confortável o tom de alteridade e insensibilidade recorrente nas narrativas. Além disso, entre tais leitores, mais que os detalhes dos crimes em si as narrativas sobre a briga de gangues ofereciam um sólido fundamento para uma discussão bem mais ampla, travada em quase todo o país, acerca do tráfico de drogas e suas consequências, sobre a violência urbana e sobre a eficiência do sistema de segurança pública e seus agentes, notadamente a Polícia e a Justiça, que passavam por um processo de reestruturação nos métodos e na organização devido à mudança do regime.

Numa década que havia assistido à derrocada da ditadura civil-militar, à divulgação e crítica das práticas de tortura e arbitrariedade das forças policiais, assim como à consolidação do tráfico de drogas como crime-negócio, entre os contemporâneos as discussões em torno de um conflito entre criminosos e a ação da

polícia na pequena cidade de Timon faziam sentido dentro da construção, ainda frágil e intermitente, de novas configurações da relação entre o Estado (sobretudo seus representantes ligados à Segurança Pública), a sociedade civil, a imprensa e os criminosos.

Paralelamente a este debate, de amplitude nacional, para os integrantes da crescente população timonense, os crimes, a violência e a impunidade descritas nos jornais locais eram ingredientes numa outra disputa ideológica bastante importante para os mesmos: a construção da identidade da cidade. Na intensa discussão acerca dos estigmas de “cidade sem lei” e “cidade dormitório”, a “onda de crimes” ou a ação policial, a atuação da prefeitura ou do governo do estado, da polícia ou dos juízes locais eram ingredientes que podiam servir para reafirmar a decadência ou o progresso da cidade e que, sobretudo em momentos de disputas eleitorais, eram reafirmados, discutidos e ressignificados dentro das diferentes disputas políticas que passavam a operar e, de forma nenhuma isentos nesta disputa, os jornais e seus produtores seguiam comunicando os fatos e proporcionando o combustível das discussões que suscitaria novas demandas de informação e, neste ciclo, garantiriam o sucesso da empresa midiática e do debate político.